

SIMPÓSIO AT167

ESCREVIVÊNCIA EVARISTIANA: ANCESTRALIDADE BANTO E IORUBÁ

PASSOS, Leandro
IFMS Três Lagoas / UNESP-IBILCE/SJRP
leandro.passos@ifms.edu.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo apontar a inserção de mitos bantos e iorubás na construção da poética de ancestralidade e de cultura afro-brasileira em Conceição Evaristo a fim de contribuir para a desconstrução de concepções hegemônicas acerca destes povos, muitas vezes demonizadas. A presença destas narrativas vindas da oralidade será examinada por meio da produção da escritora negra em questão a partir de uma combinação de abordagens críticas para a análise do texto literário: a sociológica, a antropológica e a dos estudos subalternos. Para investigar os objetivos aqui propostos, os conceitos de ancestralidade e de escrevivência serão vistos a partir da própria perspectiva da escritora Conceição Evaristo (2007). No que diz respeito ao mito banto e iorubá, os estudos de Ford (1999) e os de Lopes (2008). Além dos conceitos de ancestralidade e de escrevivência, para adentrar na poética das obras, as considerações dos Estudos Subalternos estarão presentes; em especial as discussões de Grosfoguel (2008).

Palavras-chave: Ancestralidade; Conceição Evaristo; Estudos subalternos; Mitos banto e iorubá; Poética.

Abstract: This article aims to point out the insertion of Myths and Bourbon myths in the construction of the poetics of ancestry and Afro-Brazilian culture in Conceição Evaristo in order to contribute to the deconstruction of hegemonic conceptions about these people, often demonized. The presence of these narratives coming from orality will be examined through the production of the black writer in question from a combination of critical approaches to the analysis of the literary text: sociological, anthropological and subaltern studies. In order to investigate the objectives proposed here, the concepts of ancestry and writability will be seen from the perspective of the writer Conceição Evaristo (2007). As for the Banto and Yoruba myth, the studies of Ford (1999) and those of Lopes (2008). In addition to the concepts of ancestry and writing, to enter the poetics of works, the considerations of the Subaltern Studies will be present; in particular the discussions of Grosfoguel (2008).

Keywords: Ancestrality; Conceição Evaristo; Subaltern studies; Myths Banto and Yoruba; Poetic.

Introdução

A escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito, mais conhecida por Conceição Evaristo, é de Belo Horizonte, nascida em 1946. Sua primeira publicação foi em 1990 nos *Cadernos Negros* número 13, de 1978. Primeiramente distribuídos de mão em mão, as publicações obtiveram um expressivo retorno dos que tiveram acesso aos volumes. Os *Cadernos Negros* têm sido um importante veículo para dar visibilidade à literatura negra, da qual Conceição Evaristo faz parte.

Formada em Letras na UFRJ, com mestrado em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, tem várias obras publicadas, dentre as quais destacam-se, poemas e contos já no citado *Cadernos Negros* (13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 28, 30 e 34), e antologias críticas e literárias brasileiras, como *Literatura e Afrodescendência* de 2011, além das obras individuais: *Ponciá Vivêncio* (2003), *Becos da memória* (2006), *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014), que, em 2015, recebeu o Prêmio Jabuti na categoria Contos e crônicas, *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016). Em 2017, pela Editora Malê, teve um conto publicado em *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira*, organizado por Vagner amaro (2017). No final de 2018, publica o mais recente romance pela Editora Unipalmars, *Canção para ninar menino grande*.

Conceição Evaristo tem participado de eventos literários em diferentes países; em palestras e em estudos teóricos, defende ideias como o importante conceito de escrevivência: a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil. No artigo “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”, a própria escritora volta-se para questões referentes à escrita da mulher negra no país:

[...] o que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e

buscarem o movimento da escrita? Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção de vida. (EVARISTO, 2007, p. 20-21).

A escritora e crítica, desde pequena, nas famosas redações escolares, inventava um outro mundo, porque, dentro dos seus limites de compreensão, já havia entendido a precariedade da vida oferecida. Evaristo explica que, aos poucos, foi ganhando alguma consciência, a qual compromete a escrita como lugar de autoafirmação de particularidades, de especificidades como sujeito-mulher-negra. (EVARISTO, 2007).

Como se vê, Conceição Evaristo tem consciência do grupo étnico-minoritário a que pertence, na economia das relações de poder. Para a escritora, essa longa espera tem muito a ver com esse imaginário que se faz da mulher negra, que: samba muito bem, dança, canta, cozinha, faz sexo gostoso, cuida do corpo do outro, da casa da madame, dos filhos da madame, entre outras. Reconhecer, entretanto, que as mulheres negras são intelectuais em vários campos do pensamento, produtoras de artes em várias modalidades, não cabe no imaginário racista brasileiro.

Mulher negra escritora, Evaristo insere, em sua escrita, seja prosa, seja poema, a vivência do grupo do qual faz parte, incluindo toda comunidade afro-brasileira e africana. Este artigo, portanto, visa apontar a inserção de mitos bantos e iorubás presentes na obra da escritora na construção da poética de ancestralidade e de cultura afro-brasileira.

O presente artigo está inserido na pesquisa de pós-doutorado pela UNESP Campus São José do Rio Preto do Departamento de Letras Modernas e se justifica para que estudos literários, comparando raça, etnia e mito africanos (banto ou iorubá) tenham o mesmo direito e acesso às fundamentações teórico-críticas que a academia utiliza e valoriza em suas pesquisas com os mitos greco-romanos, nórdicos e celtas, por exemplo.

1. A presença dos mitos banto e iorubá em Conceição Evaristo

Examinar elementos míticos na ficção contemporânea significa considerá-los em um universo específico em que funcionam com significações, símbolos e valores próprios. Indica tratá-los como conteúdos já filtrados por uma consciência crítica que deu a eles uma configuração particular, deslocando-os de sua origem primitiva e por vezes sagrada para novo contexto, qual seja, o literário. Este novo contexto, poema e prosa, por sua vez, salienta experiências e modos de dizer-escrever de determinado grupo que requer e exige voz, direito e espaço.

É, pois, com essa intenção que se passa a apontar a presença de mitos dos grupos étnico lingüísticos banto e iorubá na literatura de Conceição Evaristo: *Ponciá Vicência, Becos da memória, Poemas da recordação e outros movimentos, Olhos d'água e Histórias de leves enganos e parencças*.

As reflexões entre mito antigo e literatura são singulares e proporcionam, no caso da escrita de Evaristo, uma visão do povo negro na sociedade brasileira. Por causa da linguagem metafórica das narrativas míticas e da poética da escrevivência evaristiana, a forma de dizer-escrever daquela alimenta esta, atribuindo-lhe poder de escrita e de valorização da cultura negra.

Ford (1999, p. 8) esclarece que os mitos são as histórias sociais que curam, tendo em vista que dão ao povo – negro particularmente – mais do que

[...] o desfecho moral que aprendemos a associar há muito tempo às quadrinhas infantis e aos contos de fadas. Lidos apropriadamente, os mitos nos deixam harmonizados com os eternos mistérios do ser, nos ajudam a lidar com as inevitáveis transições da vida e fornecem modelos para o nosso relacionamento com as sociedades em que vivemos e para o relacionamento dessas sociedades com o mundo que partilhamos com todas as formas de vida.

A inserção dos mitos banto e iorubá em Evaristo problematiza a inevitável transição da vida pela qual o negro africano passou não apenas na diáspora, mas também na escravização negra no e do Brasil. Além disso a poética da escrita da autora negra dá voz às negras e aos negros por fornecer

modelos de relacionamento na sociedade brasileira cujo racismo ainda se faz presente. Ciente da condição do povo negro bem como da literatura negra, a escritora vai de encontro com o racismo estrutural e acadêmico ao inserir a cultura banto e iorubá nos versos de seus poemas e na prosa de suas narrativas.

Lopes (2008, p. 9) ressalta a negação da importância cultural do segmento banto na formação brasileira. Segundo o autor, a omissão repercutiu no inconsciente nacional porque as ideias sobre uma suposta inferioridade foram formuladas, a partir do século XIX, por escritores tidos, então, como “luminares” da pesquisa científica, tais como Silvio Romero (1953, p. 132), em *História da Literatura Brasileira*, ao dizer que os negros, na formação brasileira, “São gentes [banto] ainda no período do fetichismo, brutais, submissas e robustas, as mais próprias para os árduos trabalhos de nossa lavoura rudimentar”.

Nina Rodrigues (1977), em *Os africanos no Brasil*, assim como Romero, desqualifica a cultura banto, ao dizer que nenhuma vantagem numérica conseguiu levar à dos negros sudaneses. Lopes (2008) também cita Afrânio Peixoto (1980, 281) do *Breviário da Bahia*:

A preferência de todo o Brasil, exceto a Bahia, por Angola, é que embora mais feios, menos cultos, eram mais dóceis e obedientes ao trabalho. ‘Muito afeiçoáveis ao cativo, ótimos criados, mas muito estúpidos’, diz Taunay.

Além de Romero (1953), Rodrigues (1977) e Peixoto (1980), Lopes (2008) também cita Oliveira Vianna do *Raça e assimilação* (1959, p. 202), depois afirmar que “os negros puros, vivendo nas florestas do Congo ou da Angola, nunca criaram civilização alguma”. Percebe-se, como aponta Lopes (2008, p. 94), a inferiorização dos bantos, em relação aos povos da África ocidental, apregoada “pelos eruditos do racismo científico”.

Conceição Evaristo, por outro lado, ao inserir a cultura destes povos, requer o lugar de destaque destes grupos e os valoriza por meio da poética. As referências presentes nas obras são:

<i>Ponciá Vicêncio</i>	
Romance	Nana Buruque e Oxumarê ((iorubá), Nzumbarandá e Angorô (banto).

Tabela 1

<i>Becos da memória</i>	
Romance	Orixás, Ayabá (iorubá)

Tabela 2

<i>Poemas da recordação e outros movimentos – poemas</i>	
“Amigas”	Nana Buruque (iorubá), Nzumbarandá (banto)
“Meu rosário”	Oxum (iorubá)
“Estrelas desérticas”	Axexê (iorubá), Mukundu/Ntambi (banto)
“De mãe”	Yabá (iorubá)

Tabela 3

<i>Olhos D’água – contos</i>	
“Olhos d’água”	Oxum (iorubá)
“Duzu-Querença”	Alafaia (iorubá)
“Lumbiá”	Erê (iorubá)
“A gente combinamos de não morrer”	Orixás (iorubá)

Tabela 4

<i>Histórias de leves enganos e parecenças – contos</i>	
“A moça de vestido amarelo”	Oxum (iorubá) Dandalunda (banto)
“O sagrado pão dos filhos”	Zambi (banto)
“Sabela”	Iansã (iorubá)

Tabela 5

Considerações finais

Conceição Evaristo insere a cultura dos bantos e iorubás como militância, a partir da literatura, contra poderes hegemônicos, ressaltando a existência do subalterno merecedor do devido destaque pelo papel histórico-cultural realizado outrora. A escritora desestabiliza por meio da escrivência a historiografia tradicional dominada pela classe social de elite, em que o

subalterno é descrito pela perspectiva que privilegia os anseios e as demandas da sociedade hegemônica.

Para Fanon (2008, p. 33), em “O negro e a linguagem”, é fundamental o estudo da linguagem, pois falar é existir absolutamente para o outro, em que o falar é entendido como “estar em condições de empregar certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”. Ao imbricar a cultura africana e afro-brasileira àquela já consagrada pela hegemonia, Conceição Evaristo emprega uma morfossintaxe literária em que negras (e negros) são autores da própria história e, desta forma, contribui para minimizar e extinguir os resquícios coloniais e discursos racistas. A escritora quebra com o hegemônico ao trazer a ancestralidade banto e iorubá em sua escrevivência, uma vez que, de acordo com Fanon (2008, p. 34):

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – tomo posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.

Tal empoderamento linguístico-literário é visto não somente com a inserção de termos que remetem aos mitos e ritos africanos e afro-brasileiros, mas também com a própria postura de Evaristo ao falar, ao dar voz sobre o grupo a que pertence. Ao comportar-se desta forma, a escritora afirma-se, pois, como assinala Grosfoguel (2008, p. 117), a decolonialidade não se manifesta como “[...] uma crítica anti-europeia fundamentalista e essencialista. Trata-se de uma perspectiva crítica em relação ao nacionalismo, ao colonialismo e aos fundamentalismos, quer eurocêntricos, quer do Terceiro Mundo”.

Conceição Evaristo não cai em extremismos e, tampouco, não incita a exclusão dos europeus, mas vai ao encontro de uma proposta crítica de inclusão de outras culturas não europeias, contemplando não apenas o cânone. Este olhar contribui para a extinção de práticas e de discursos racistas

dentro e fora da Universidade, seja pública ou privada, dos muros escolares e, também, propõe a revisitação de questões atreladas ao currículo.

Referências

EVARISTO, Conceição. “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”. ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

_____. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

_____. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FORD, Clyde. **O herói com rosto africano: mitos da África**. Ed. Selo Negro, 1999.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, p. 115-147, 2008.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PEIXOTO, Afrânio. **Breviário da Bahia**. Rio de Janeiro: MEC, Cons. Fed. Cultura, 1980.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1977.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

VIANNA, Oliveira. **Raça e assimilação**. 4 edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.